Ano XIII — Lisboa, Setembro e Outubro de 1957 — N.os 149 e 150

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO DUPLO AVULSO 3$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A LIÇÃO DO JAMBORI

Quando, naquela tarde de acampamento, depois de um dia suão, o céu se tornou negro, longe estávamos de supor que a tempestade tão nitidamente esboçada no horizonte, nos iria proporcionar a grande lição do Jambori. Porque um Jambori, tão grandioso como este que se realizou em Sutton Park, é sempre um milagre da vontade humana, resultante da combinação de tenazes esforços e de capacidades valiosas, cuja análise nos proporciona raras lições, experiências utilíssimas.

Esta trovoada, porém, serviu para salientar mais ainda a têmpera desses esforços e o valor das capacidades mobilizadas para a realização dessa iniciativa, pondo em evidência a grande lição do Jambori.

Naquela noite, momentos depois da hora de recolher, a borrasca caiu sobre o campo. Os relâmpagos, que desde o escurecer e a grande distância continuamente riscavam o firmamento, feriam agora o céu mesmo sobre nós, iluminando tudo refulgentemente. Os trovões ribombavam e impunham respeitoso silêncio ainda aos mais animosos. A chuva caía em catadupas, penetrava nas tendas e alagava caminhos, parecendo querer convencer-nos de que o Jambori seria forçosamente destroçado pela inundação.

Assim o compreendeu também a solícita e hospitaleira população da vizinha Sutton Coldfield, suportando como nós a violência do temporal. Por isso, os telefonistas não tiveram sossego nessa noite. Os telefones retiniam constantemente, registando-se repetidas ofertas de alojamento nas habitações da cidade, enquanto escolas e igrejas se preparavam afanosamente para receber os náufragos do dilúvio.

Enquanto tudo isto sucedia, no acampamento a vida corria normalmente. A fúria dos elementos não conseguiu perturbar os ânimos. O mesmo sossego de todas as noites, a tranquilidade de sempre. É certo que, de quando em quando, um vulto corria a procurar abrigo em tenda que oferecesse maior resistência às chuvas, mas logo tudo voltava à mesma quietude.

Confessamos sinceramente que também receámos pela ordem do acampamento. Parecia-nos que no dia seguinte os campos estariam completamente desorganizados e seria difícil cumprir os programas estabelecidos. Mas, após a alvorada, pudemos verificar, com alegre surpresa, que a vida de campo decorria com a impressionante pontualidade de todos os dias e que os numerosos serviços funcionavam com a maior regularidade. Os postos de trabalho foram ocupados fielmente por todos os Dirigentes e Caminheiros, e até os pequenos Escoteiros da cidade vizinha fizeram ouvir, como de costume, às primeiras horas da manhã, em melodiosas vozes de crianças estimadas, o pregão — «Jubilee Journal» — dando cumprimento à missão que lhes coube no rateio de tarefas, a venda do diário do acampamento.

Ficámos impressionados com a alta demonstração de disciplina e a nossa atenção foi retida pela forma como eram desempenhados os tra-

(Conclui na última página)

UM HEROI QUE TOMBA NO CUMPRIMENTO DO DEVER

Bandoleiros vindos do território da União Indiana mais uma vez atacaram traiçoeiramente um posto da fronteira portuguesa de Goa. Os soldados da pequena guarnição defenderam-se heròicamente recusando render-se perante um tal bando de malfeitores. Pedido socorro para outro posto vizinho, o pessoal deste imediatamente correu em auxílio dos seus camaradas. Encontrava-se aqui de visita o tenente Jean de Raimond, que, sabendo em perigo os seus companheiros, voluntàriamente partiu também em socorro da guarnição cercada. Os leitores conhecem já a forma heróica como estes soldados portugueses honraram a sua Pátria, e como generosamente tombou no cumprimento do dever o jovem tenente Jean de Raimond.

Pois Jean de Raimond, jovem filho de franceses ilustres, que adoptou como sua a pátria onde nascera, pertencia à família escoteira, foi lobito do C. N. E., do Núcleo de Setúbal, tendo envergado a nossa farda há cerca de 20 anos. Estamos certos que o antigo lobito ao lutar na defesa do solo português de Goa teria lembrado a sua velha divisa «O Melhor Possível». Ele fez, de facto *o melhor*. O inimigo foi expulso.

Curvemo-nos respeitosamente perante a sua memória e lembremos o seu nome como exemplo de sacrifício no cumprimento do dever.

NO JAMBORI

ESPERANTISMO E FILATELIA

Os membros da Liga Esperantista Escoteira tiveram a sua reunião de Jambori no dia 10 de Agosto. No mesmo dia, reuniram-se também os Escoteiros da Convenção da Sociedade de Filatelia.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

A Delegação Brasileira a Caminho do Jambori

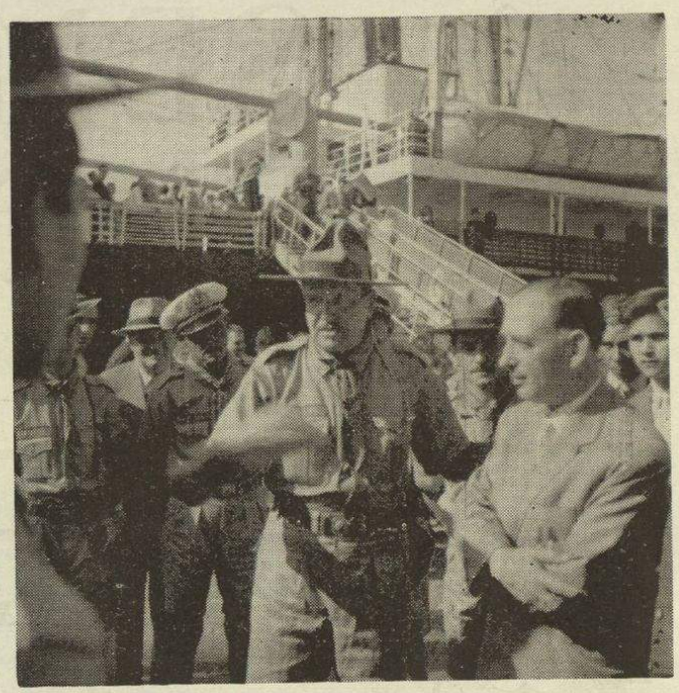
No dia 20 de Julho passado, logo de manhã, atracou ao cais da Rocha o paquete «Highland Monarch», no qual viajava a Delegação Brasileira ao Jambori Mundial. Imediatamente desembarcaram os escoteiros da nação irmã, que foram cumprimentados pelo sr. Manuel Lopes Peixoto, secretário das relações internacionais, Albano da Silva e Luís Grau Tovar de Lemos, chefes gerais adjuntos; José Eduardo Pena Ribeiro e Eurico de Figueiredo, que representaram Portugal no Acampamento Internacional de Patrulhas de São Paulo, António Rodrigues da Silva, Alves de Azevedo e o Director e Administrador do «Sempre Pronto».

A Delegação Brasileira era chefiada pelos nossos amigos drs. João Ribeiro dos Santos e Mário Jardim, e dela faziam parte outros dirigentes já nossos conhecidos, bem como o jornalista do «Correio da Manhã», sr. Bravo, que tem dirigido o número especial que anualmente aquele importante diário dedica ao Escotismo.

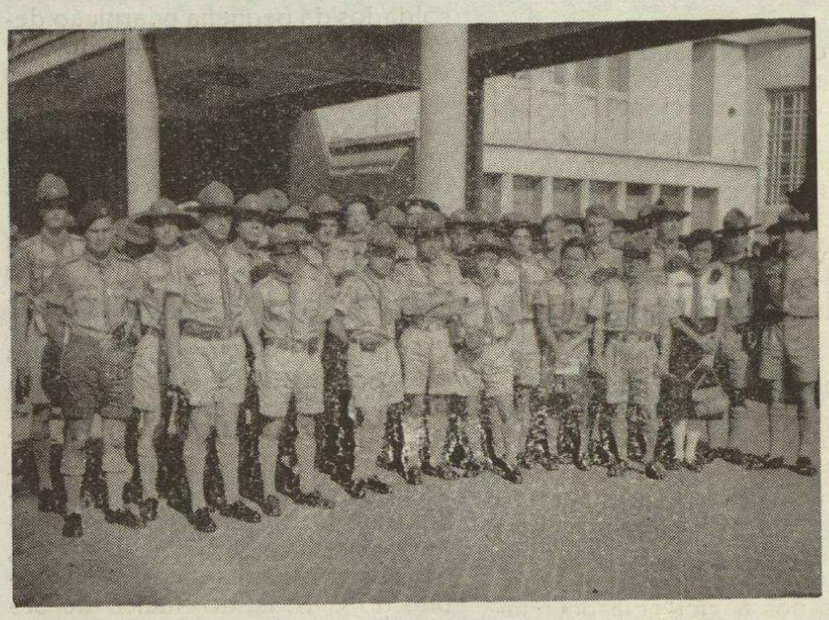
O sr. dr. Ribeiro dos Santos agradeceu o acolhimento dispensado aos escoteiros brasileiros e disse da grande alegria que todos sentiam por pisar terra portuguesa, pátria irmã que todos estimavam, fazendo a apresentação dos dirigentes presentes aos membros da sua delegação.

Os visitantes seguiram para Inglaterra nessa tarde, na companhia de dirigentes e caminheiros portugueses.

No mesmo barco seguiam também viagem os membros das delegações uruguaia e boliviana, que foram igualmente saudados pelos dirigentes dos Escoteiros de Portugal.



O Dr. João Ribeiro dos Santos conversa com os dirigentes dos Escoteiros de Portugal no cais da Rocha. A sua esquerda o Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto, sr. Albano da Silva.



O Contingente Brasileiro no cais da Rocha

A visita à cidade, tanto de brasileiros como de uruguaios, foi feita na companhia de dirigentes e caminheiros portugueses.

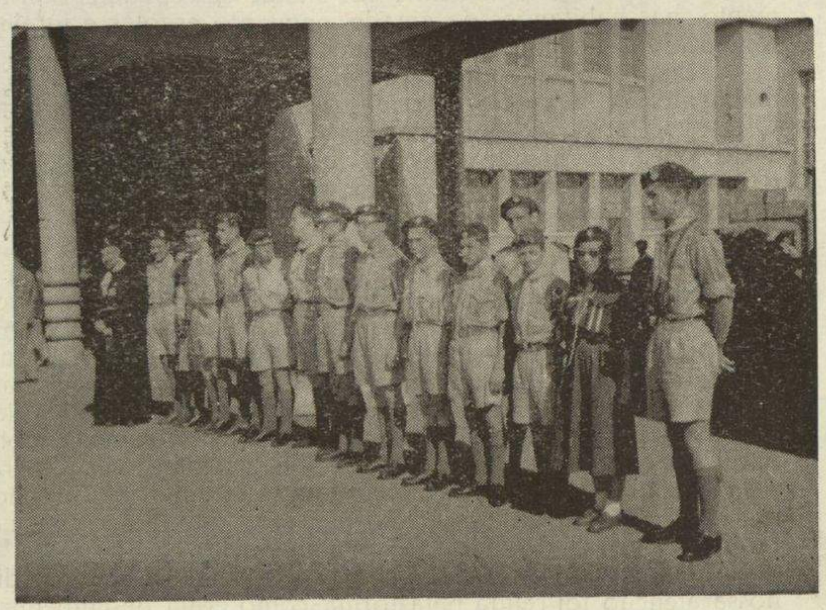
No regresso do Jambori, uma parte da delegação brasileira passou alguns dias em Lisboa, tendo sido recebida na estação de Santa Apolónia em 19 de Agosto por muitos dirigentes e escoteiros da A. E. P., que tomou a seu cargo a hospedagem dos visitantes. Durante a sua presença em Lisboa, os nossos irmãos brasileiros foram acompanhados por membros da nossa Associação que os acolheram com a melhor camaradagem.

De regresso ao Brasil, embarcaram no «Highland Monarch» no dia 21, tendo novamente recebido os cumprimentos de membros da A. E. P. e do director do nosso jornal.

Se a tua face quer sorrir-se deixa-a sorrir; se não quiser obriga-a.

BADEN-POWELL

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA



O Contingente do Uruguai no cais da Rocha

Sermão feito no Jamboree

no Domingo, 4 de Agosto, pelo Arcebispo de York

São João, 13. 4-5. «E levantando-se Jesus da ceia, depôs as suas vestiduras; e pegando numa toalha cingiu-se. Depois lançou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos e a limpar-lhos com a toalha com que estava cingido».

Neste dia, esta grande assembleia de escoteiros vindos de todos os pontos do mundo dá graças ao Senhor pelo homem que nasceu há precisamente cem anos e ao qual o escotismo deve a sua existência. Pela sua imaginação e pelo seu génio, Roberto Baden-Powell é uma das grandes figuras do mundo.

Baden-Powell sentiu um ideal e por esse ideal ele encontrou um modo de expressão cujo vigor impressionava vivamente a imaginação de milhares de jovens; foi este ideal que ele encarnou num Movimento de resultados profundamente práticos. Simultâneamente soldado e hábil condutor de homens, era também artista e poeta. Dos acontecimentos e experiências colhidas durante a guerra na África do Sul, aproveitou ideias para inspirar a vida quotidiana de rapazes e raparigas em tempos de paz e em todas as partes do mundo.

Este ideal era o de um serviço desinteressado. Foi isto o que B.-P. gravou profundamente no escotismo que, desde então, ensinou e pôs em prática. Porém, tudo isto provém, em primeiro lugar, de Nosso Senhor. Na sua vida, teria tido B. P. um exemplo mais luminoso que este em que nós O vemos a lavar os pés aos seus discípulos? É sobre este episódio que chamo a atenção de todos vós.

Estamos na véspera da Sexta-Feira Santa. Jesus está com os Seus discípulos preparando-se para a ceia. Sabeis o que então se passou. Os discípulos disputavam uns com os outros para saberem qual deles seria o maior; estão cheios de vaidade. Vede, pois, a maneira como Jesus lhes respondeu: Levantou-Se e tomou sobre Si os trabalhos que geralmente pertenciam aos servos ou aos escravos. É Ele que vai lavar os pés dos convidados. Uma toalha na mão e uma bacia de água e ei-l'O desempenhando o lugar de escravo, servindo-os a todos. Jesus é o Mestre; Ele é o Senhor; a Ele pertencem a Majestade e a Glória, não é Ele o Filho de Deus?. Contudo, Ele serve os discípulos. Ao seu estado de servo estão ligadas a majestade e a glória. Nunca Jesus é tão majestoso do que quando Ele se abaixa para servir os doze discípulos.

Este episódio é, sem dúvida, um exemplo de serviço e Jesus convida os discípulos, convida a todos nós, a seguir o exemplo que Ele nos dá. «Dei-vos o exemplo — disse Jesus — para que tal como eu vos fiz, assim façais vós também uns aos outros». Mas há neste acontecimento algo mais do que um simples exemplo deixado por Jesus. Lavando os pés dos discípulos, Jesus revela a eles e a nós o próprio Deus. «Aquele que me vê a Mim, vê o Pai». Disse Ele. Deus na Sua majestade e na Sua glória, Deus Rei eterno e Soberano do mundo é semelhante a Jesus lavando os pés dos discípulos. Porque sempre Ele é o Deus que serve e Se humilha aproximando-Se de nós. Em Belém, no Calvário, Ele se humilha a Si próprio, vindo a nós para nos servir, nos purificar, tomar posse de nós pelo Seu serviço que é amor. Em verdade, Jesus não dá um exemplo que é preciso copiar, mas dá-nos a revelação do próprio Deus, que devemos servir. Adoramos e louvamos o nosso Deus, grande e glorioso, nunca tão grande e glorioso, como quando se humilha por nós.

A fé cristã coloca perante nós o dever de servir como Deus serviu. Mas é algo mais do que isto. A nossa fé fala-nos também desse Deus que adoramos e louvamos. Quando somos arrancados a nós mesmo testemunhando a nossa gratidão e a nossa adoração a Deus, é que podemos servir ao nosso próximo com abnegação. Por outras palavras: se queremos servir a Deus e o nosso próximo como o devemos fazer, poderemos não sentir necessidade de ser purificados? Como Jesus lava os pés a Seus discípulos, assim nos deve Ele purificar-nos. Sim, lavar-nos de tudo o que suja a nossa vida e que Ele abomina. Diversas vezes Ele nos diz o que disse a Simão Pedro: «Se eu te não lavar não terás parte comigo». Sim, tudo isso tem também o seu lugar na religião cristã, não o esqueçamos! A religião cristã é a do serviço do próximo, é também de adoração e de louvor a Deus; é também deixar que Cristo nos lave, não sòmente os pés, mas a cabeça e o nosso espírito, a nossa vida e os nossos ideais, de forma que nos tornemos sempre mais qualificados para o Seu serviço. Tudo isso nos mostra claramente a narração do lavar dos pés no Cenáculo. O de-

(Conclui na última página)

OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL NO JAMBORI

Na tarde de 20 de julho, embarcou no «Highland Monarch», com destino a Inglaterra, a delegação dos Escoteiros de Portugal que ia representar o nosso País no Jamboree ou, melhor, no «Rover-Moot» e era constituída pelos Chefes Arnaldo Eduardo Couto e Jacinto dos Reis Móniz Silva, caminheiros Ivo Casaca, José Manuel Costa Dias, José Ferreira, Camilo Calvelas, Fernando Sanches, João Morais Garrido, José Carlos Calado, Manuel Godinho, José Eduardo Pena Ribeiro, Armando Garcia Inácio, Fernando e Daciano de Carvalho. O Chefe Couto e os Caminheiros Pena Ribeiro e Carcia Inácio não embarcaram, tendo seguido por terra para Sutton Park, onde se juntaram à Delegação.

No mesmo barco, seguiram os srs. Chefe João Pereira Soares, do Grupo 93, Domingos, encarregado do S M.U.; António Veríssimo, operador cinematográfico, e Costa Júnior, jornalista, que a Direcção da A. E. P. mandou a Inglaterra.

No Cais, a despedirem-se da nossa Delegação, encontravam-se muitos antigos escoteiros, o sr. dr. Tovar de Lemos, presidente da Fraternal, Tenente Diogo Afonso, Luís Tovar de Lemos e Albano da Silva, em representação da Direcção dos Escoteiros de Portugal, chefe e escoteiros do grupo 10 e escoteiros do grupo 94, muitas pessoas de família e amigos dos nossos caminheiros. Também ali esteve a apresentar cumprimentos o Director do «Sempre Pronto». A Rádio Televisão Portuguesa fez uma reportagem do embarque.

O «Sempre Pronto» no Jamboree

Os três membros do Corpo Directivo do «Sempre Pronto» embarcaram para Londres no Ibéria-Expresso, que partiu de Santa Apolónia na noite de 25 de Julho, onde tiveram uma despedida muito carinhosa de um numeroso grupo de amigos. Juntamente, seguiram os caminheiros José Eduardo Ribeiro e Armando Garcia Inácio, bem como o sr. Luís Matos, chefe do Grupo 13.

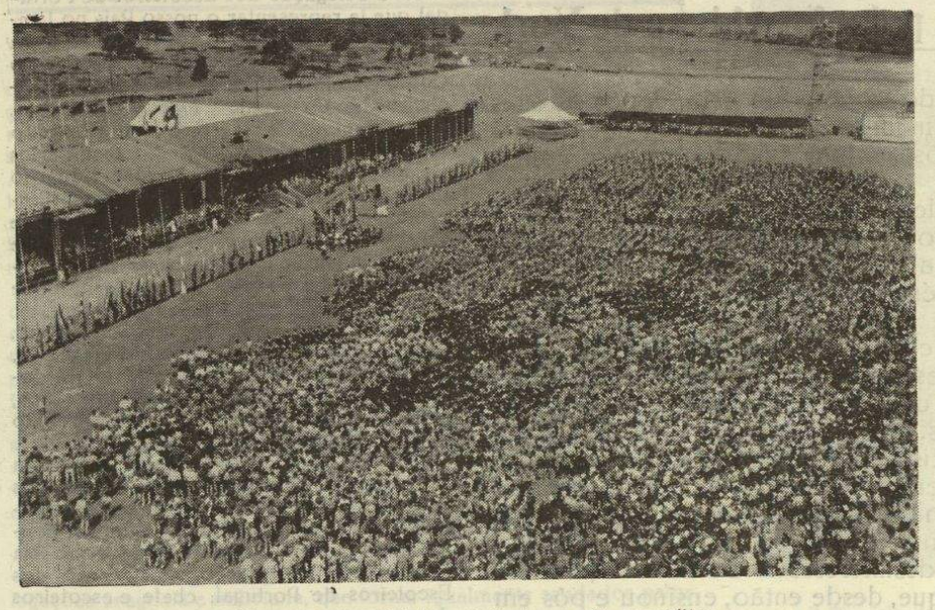
No cais encontravam-se muitos amigos a apresentar cumprimentos de despedida, recordando-nos ter visto os srs. Albano da Silva, que se fazia acompanhar de sua Esposa e Filho e representava os srs. Presidente e Escoteiro-Chefe Geral dos Escoteiros de Portugal, chefes Engº. Nobre Santos e Esposa, Samuel Vieira, Madeira Leitão, Manuel Tacão e Júlio Maria Reis; Ernesto Clímaco Nascimento, Miranda de Melo e José Vasques Filipe, da direcção da Fraternal; Quintino Pinheiro e Esposa, Luís Simões Aurélio, Wolfgang Karl, Dr. Manuel Conceição Jr. e Esposa, Armando Gouveia e Filho, Patrulha «Águia» e Equipa de Caminheiros «Alexandre Herculano» do Grupo 94, escoteiros dos Grupos 8, 10, e muitas pessoas de família dos que partiam.

Também a Rádio Televisão Portuguesa ali esteve a assinalar a partida, representada pelo nosso amigo sr. Tudela.

A viagem dos representantes do «Sempre Pronto» e seus companheiros decorreu muito bem. Em Paris, demoraram-se cinco dias, tendo ficado instalados no Campo Permanente que o Escotismo Francês mantém no Liceu Michelet, onde os respectivos Chefes os acolheram com muita simpatia e onde tiveram os primeiros e interessantes encontros com Dirigentes e Escoteiros de outras nações.

No dia 31, partiram para Sutton Park, onde chegaram já noite. Não conhecendo o local do acampamento e sendo difícil assinalar o local destinado às tendas, é justo salientar aqui a recepção gentil que lhes foi feita pelos chefes Coutinho e Dr. Manuel de Faria, do Corpo Nacional de Escutas, bem como de mais alguns elementos da mesma Associação, que imediatamente se prontificaram a orientar os nossos representantes, proporcionando-lhes alimentação e auxiliando-os na montagem da respectiva tenda, atitude que demonstra o seu bom espírito escoteiro e desejo ds boa camaradagem, que se manteve durante todo o acampamento.

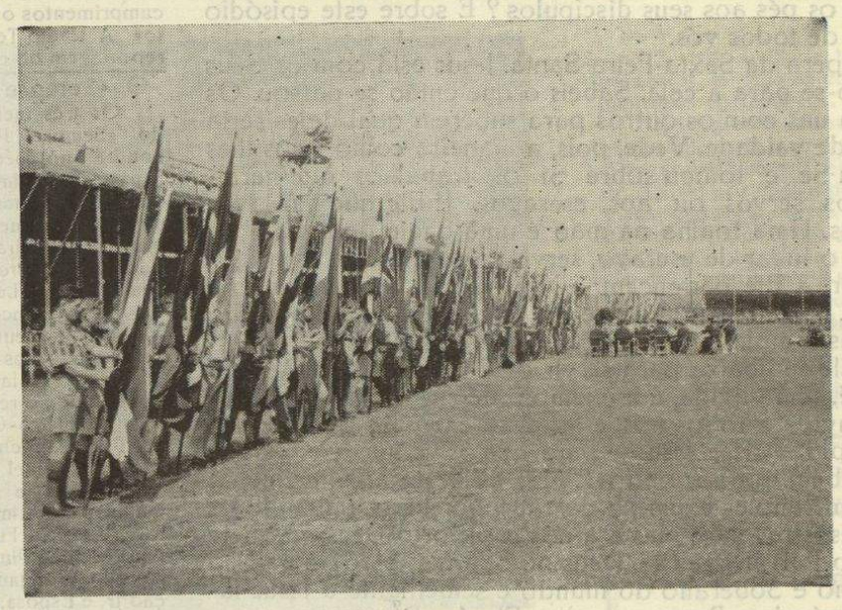
A VIDA RELIGIOSA NO JAMBORI



Um aspecto parcial da assistência ao culto evangélico

Um dos aspectos mais interessantes deste Jambori foi, sem dúvida, a intensa vida espiritual dos escoteiros acampados, a par de uma perfeita tolerância. Logo de manhã, às 10 horas, enquanto as bandeiras nacionais das nações representadas subiam nos respectivos mastros, todos os contingentes se reuniam para um breve momento de oração e meditação. No campo do Indaba, todos os membros dos serviços de chefia de campo se juntavam para uma breve meditação e leitura bíblica, o mesmo sucedendo nos outros campos.

Às sextas-feiras, à noite, e ao sábado de manhã, os israelitas tinham o seu culto. No Domingo, por todo o campo havia cultos das diferentes confissões em grandes tendas estabelecidas nos acampamentos. Às 10 horas, realizavam-se os grandes cultos de conjunto.



As Bandeiras Nacionais das nações representadas no culto evangélico, vendo-se a banda que acompanhava os hinos.

O CULTO CATÓLICO ROMANO

Numa capela, ao ar livre, reuniam-se os escoteiros católicos. No dia 4 de Agosto, foi celebrada Missa Pontifical, com a presença, segundo número oficialmente transmitido à imprensa, de 8.000 escoteiros. Foi celebrante o Rev. Mons. Francis Grimshaw, Arcebispo de Birmingham, e fez a homília o Rev. Mons. Gerald Patrick, Delegado Apostólico na Grã-Bretanha. A missa foi cantada por um grupo coral constituído por lobitos. Durante este acto foi lida a mensagem de Sua Santidade aos escoteiros católicos, mensagem de grande sentido cristão, que noutro lugar publicamos na íntegra.

O CULTO CRISTÃO EVANGÉLICO

Os escoteiros protestantes reuniram-se na vasta arena. Um púlpito foi levantado em frente da tribuna principal, onde se via a família de Baden-Powell, Lorde Rowallan, o General Spry, a Lady Maior de Sutton Coldfield, e outras altas individualidades escoteiras e não-escoteiras. Uma enorme fila de bandeiras das nações representadas alinhava-se em toda a extensão da arena. Foi comunicado à imprensa que se encontravam presentes 12.000 escoteiros, além de grande multidão de visitantes.

O serviço foi dirigido pelo Moderador do Conselho Federal da Igreja Livre, Rev. E. Gwyn Evans, e o sermão pelo Rev. Lord Arcebispo de York, da Igreja Anglicana, inspiradora mensagem cristã que publicamos noutra coluna. O Arcebispo de Canterbury, em viagem para os Estados Unidos, enviou uma mensagem de saudação lamentando não poder tomar parte no serviço religioso.

A leitura bíblica foi feita pelo General Rob Lockhart, Chefe do Campo J. I. M. Após o sermão, o Coronel Wilson dirigiu o acto de consagração.

À mesma hora, os escoteiros evangélicos dos países escandinavos estavam reunidos noutro serviço religioso dirigido nas suas próprias línguas.

Este culto era acompanhado pela leitura em inglês, francês e alemão.

OUTROS ACTOS RELIGIOSOS

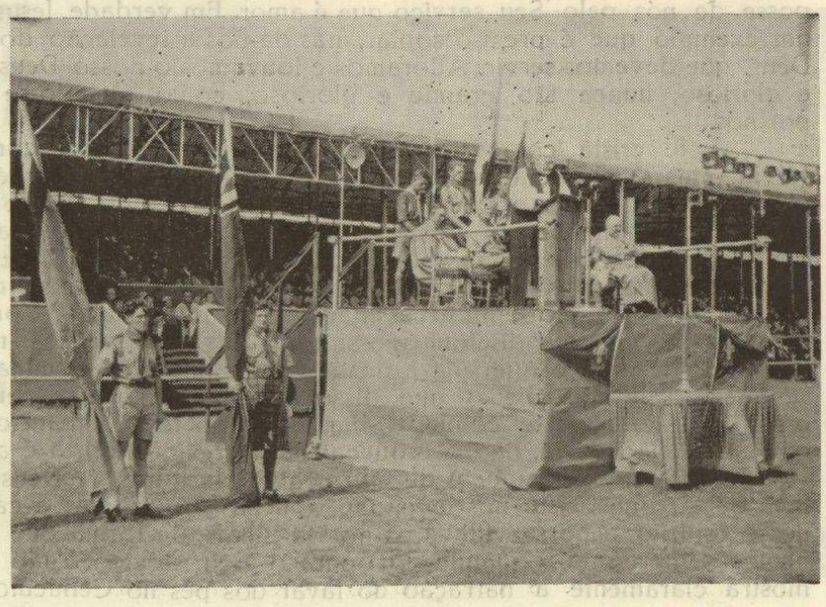
A tarde, houve um culto da denominação Ciência Cristã. À noite, um culto católico romano. E na Arena, também à noite, reuniram-se os contingentes Inglês, Dinamarquês, Francês, Americano, Alemão, que entoaram hinos evangélicos que foram transmitidos pela B. B. C. no programa "Comunity Hymn Singing", que todos os Domingos é irradiado das 20.30 às 21 horas, em ondas curtas.

No Domingo, dia 11 de Agosto, repetiu-se o mesmo programa. No culto evangélico a mensagem foi dada pelo Chefe Geral da Comunidade Britânica, Lorde Rowallan. Realizaram-se ainda serviços religiosos da Igreja Ortodoxa e de outras religiões não cristãs representadas no Jambori.

CONFERÊNCIAS

No dia 6, realizou-se uma conferência de Cape-

(*Conclui na 8.ª página*)



O Arcebispo de York pregando

MENSAGEM DO PAPA PIO XII

enviada aos Escoteiros Católicos reunidos no Jambori Mundial de Sutton Park

Estamos em espírito no meio de vós, queridos Escoteiros Católicos, vindos com os vossos jovens camaradas do mundo inteiro, celebrar na Grã-Bretanha—na própria pátria do Fundador do escotismo —o cinquentenário deste vasto movimento. Pela vossa presença numerosa no Jambori do Jubileu manifestais a vitalidade e a expansão dos diversos ramos do escotismo entre a juventude católica, com o que nós nos regozijamos. Muitas vezes, aliás, os nossos predecessores e nós próprios temos enviado aos mais velhos de vós o nosso encorajamento paternal; é-nos agradável, contudo, de vos dizer novamente nesta memorável circunstância a nossa satisfação e os nossos votos e de exprimir igualmente, por vosso intermédio, as nossas cordiais felicitações aos chefes e aos milhares de membros desta grande Assembleia Jubilar.

O mundo no qual vos preparais para entrar, queridos jovens, é um mundo difícil. Várias vezes desde as origens do vosso Movimento, ele conheceu o flagelo da guerra; ainda hoje em muitas regiões, bastantes jovens da vossa idade sofrem a miséria e a fome e temíveis divisões não deixam de agitar os povos. Que no oásis de verdura e de paz que é o belo local de Sutton Park possais reflectir no ideal que vos une e recolher com um coração cheio de generosidade e de esperança a magnífica lição do Jambori!

Apreciai no seu justo preço o vosso ideal de fraternidade através da diversidade das pátrias, de línguas e de raças. Tudo isto nos convida a nos conhecermos melhor, nutrirmos uns para com os outros sentimentos de amizade compreensiva e a traduzi-los em todas as circunstâncias por atitudes de serviço desinteressado que são a honra do escotismo. Que o Jambori do Jubileu seja, para as que aí vos enviaram e vos observam, a imagem desta fraternidade leal entre os homens com a qual deveis colaborar e de que o mais seguro fundamento é o Deus Único, o Pai que está nos céus.

Fazei alarde igualmente do testemunho de uma juventude sã, forte e feliz, segundo o ideal que vós próprios proclamais. O vosso estilo de vida tempera os caracteres, forja as vontades capazes, com a ajuda de Deus, de resistir às solicitações do mal, tão frequentes, ai de nós, em certas circunstâncias da vida. Num mundo que cede à imoralidade e se abandona descuidosamente às facilidades da existência, que este Jambori seja como que a afirmação duma juventude orgulhosa da sua lei e pureza, da sua sua coragem e nobreza que não é senão o eco da moral inscrita por Deus no coração do homem.

E como aí se vos convida à celebração do Santo Sacrifício da Missa que vos reúne à volta do altar, elevai o vosso ideal de escoteiro católico, queridos filhos, à altura das lições do Divino Mestre, vindo a nós para nos servir e para Se dar. Sede ardentes em desenvolver nas vossas almas as virtudes que amanhã farão de vós cristãos convictos, dóceis a seus pastores e tendo o senso das suas responsabilidades na vida social. Estai abertos às necessidades espirituais e materiais dos homens, sempre prontos a trabalhar pela causa da verdade, da justiça e da paz que é, neste mundo, a própria causa da Igreja de Jesus Cristo.

Como penhor de graças mais abundantes no prosseguimento do vosso ideal, nós vos concedemos, de todo o coração, queridos filhos, reunidos no Jambori de Sutton Park, assim como a todos os escoteiros católicos dos vossos respectivos países que representais nesta grande manifestação jubilar, a nossa mui Paternal Bênção Apostólica.

Vaticano, 1 de Julho de 1957

NO REGRESSO DO JAMBORI

Uma iniciativa simpática da equipa «Alexandre Herculano»

Na sede do Grupo n.º 94, na Ajuda, efectuou-se na noite de 26 de Agosto uma sessão de boas vindas aos membros daquele Grupo que participaram no Jambori do Jubileu, tendo sido servido um esmerado chá.

A iniciativa partiu da equipa "Alexandre Herculano„ e teve a colaboração dos escoteiros da patrulha "Águia„, subguia Gilberto Costa e António Amêndoa, bem como das esposas do chefe Manuel Tacão e Caminheiro Fernando Silveira.

Tomaram parte os membros da direcção do «Sempre Pronto», a Chefa D. Júlia Ribeiro, e o escoteiro Fernando Sanches, que representava o grupo n.º 10., e o Caminheiro Armando Inácio.

Em nome da Equipa «Alexandre Herculano», o Caminheiro Mariano Inácio saúdou os «jamborianos». O director do nosso jornal apontou alguns pormenores do acampamento que podem constituir lições para todos nós e o Chefe Capitolino Macedo agradeceu a gentileza da iniciativa da equipa «Alexandre Herculano», tendo recordado o Caminheiro José Eduardo Ribeiro que ainda se encontrava em França tirando a Insígnia de Madeira no Campo de Formação de Chefes dos *Eclaireurs Unionistes de France.*

Uma decepção em Londres...

No regresso do Jambori, a equipa do «Sempre Pronto» passou quase uma semana em Londres, tempo demasiado curto para visitar a grande cidade, os seus museus, os seus monumentos. Correndo constantemente, foi, no entanto, possível ver muito daquilo que desejávamos conhecer. Sabíamos, certamente alguém nos teria dito, que havia em Londres uma rua de Lisboa, porém, por mais que procurássemos nunca a encontrámos nas nossas andanças. No Domingo, dia da nossa partida, tivemos necessidade de adquirir algumas coisas para a viagem. Mas, o Domingo em Londres é o Dia do Senhor e, portanto, rigorosamente observado.

No entanto, como estávamos hospedados na Roland House, um centro escoteiro, em Stepney Green, tínhamos sabido que em Aldegate um bairro vizinho muito habitado por judeus, algumas lojas estavam abertas (admirável espírito de tolerância!), pois lhes era permitido encerrar ao sábado e abrir ao domingo. Ali fomos para adquirir a nossa merenda. No regresso, tomámos um trolley-bus, *todavia, coisa vulgar em terra estranha, enganámo-nos. Este, em vez de seguir para Stepney Green, antes de chegar a White Chapel meteu por uma rua à esquerda. Justificando-nos do condutor com um* sorry, *compreensivamente aceite, apeámo-nos imediatamente. Eis que ali mesmo na nossa frente, estava a Lisbon Street! Porém, que decepção! A rua—uma travessa—que tinha o nome de Lisboa era a pior rua que tínhamos visto. Tortuosa, sem passeios, muito suja... Não quisemos ver mais. Lembrámo-nos da nossa imponente Praça de Londres e deu-nos vontade de* democràticamente *procurar o Lorde Maior e manifestar-lhe o nosso desgosto. Não o fizemos, mas registamos agora aqui o nosso desapontamento.*

A VIDA RELIGIOSA NO JAMBOR

(Conclusão da 4.ª página)

lães da Igreja Católica Romana, no dia 7, uma conferência dos Capelães da Igreja Anglicana e outra das Igrejas Livres.

No dia 9, uma conferência de todos os capelães das igrejas cristãs, excepto a católica romana.

Realizaram-se ainda no acampamento uma reunião dos Escoteiros-Chefes das Igrejas Baptistas, duas das Igrejas Metodistas e ainda outra do Exército de Salvação.

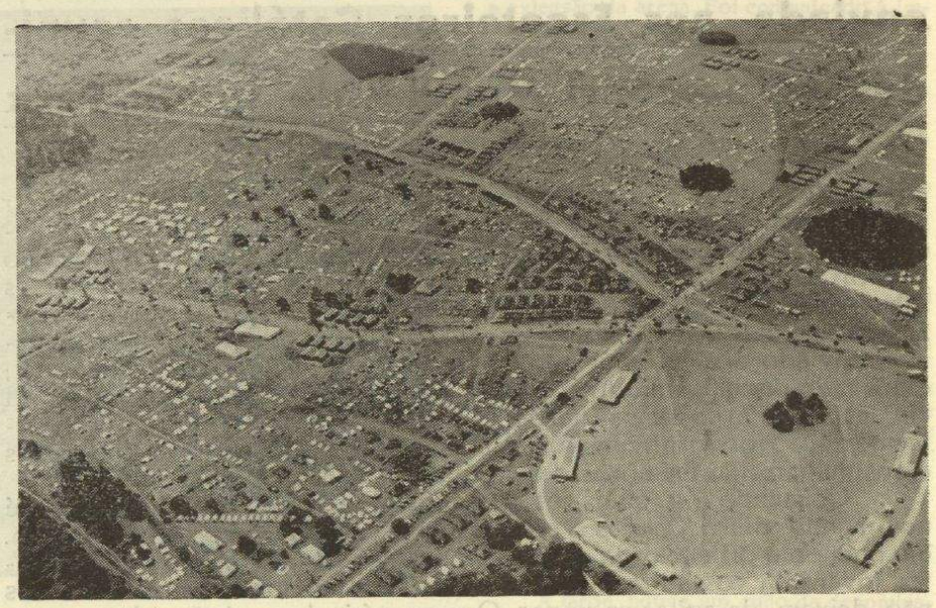
Uma nota muito interessante do espírito escoteiro existente no Jambori era-nos dada pelo numeroso contingente francês. Todas as tardes, os chefes de grupo reuniam-se no quartel general francês onde havia uns momentos de oração e meditação em que participavam conjuntamente católicos romanos e evangélicos, num inspirador exemplo de unidade cristã. Tivemos ocasião de participar numa destas reuniões e apreciar a alta espiritualidade em que a mesma decorreu.

O QUE FOI O JAMBORI

Sutton Coldfield é uma pequena cidade que está situada, por assim dizer, no coração da Inglaterra. Vizinha de Birmingham, é escolhida pelos chefes das grandes empresas instaladas neste grande centro industrial do Warwickshire para aí construírem as suas moradias, devido à amenidade do ambiente que aí se respira e às belezas naturais de que dispõe. Sutton Coldfield tem ainda o privilégio de possuir um magnífico parque contíguo — o Sutton Park — que é um recanto delicioso, de arvoredo de alto porte, lagos de frescura inigualável e extensos e mimosos relvados.

Foi este rincão de excepcional beleza que os escoteiros britânicos escolheram para a realização do Jambori do Jubileu. E estariam de parabéns pelo bom gosto demonstrado se a região oferecesse de facto condições mínimas para a instalação de um acampamento desta natureza, o que realmente não aconteceu.

Devido à abundância da vegetação, Sutton Coldfield é região sujeita a forte dose de humidade, inconveniente agravado ainda pelas frequentes precipitações atmosféricas. Estes factores desfavoráveis fizeram-se sentir — e bem — durante o desenrolar do acampamento, prejudicando de forma quase radical a regular sequência das actividades a que uma reunião desta natureza dá azo. Foi pena que tal acontecesse porque, a conservarem-se toleráveis as condições atmosféricas, este jambori teria sido, certamente, um acontecimento de excepcional relevo na história do movimento escotista.



Vista aérea parcial do Jambori, destacando-se o «Shopping Centre»

O recinto de Sutton Park é enorme. Atravessá-lo em linha recta significa percorrer uns bons pares de quilómetros. Esta grandeza dimensional foi a grande deficiência que a organização do JIM revelou. Expliquemo-la.

O RECINTO DO JAMBORI

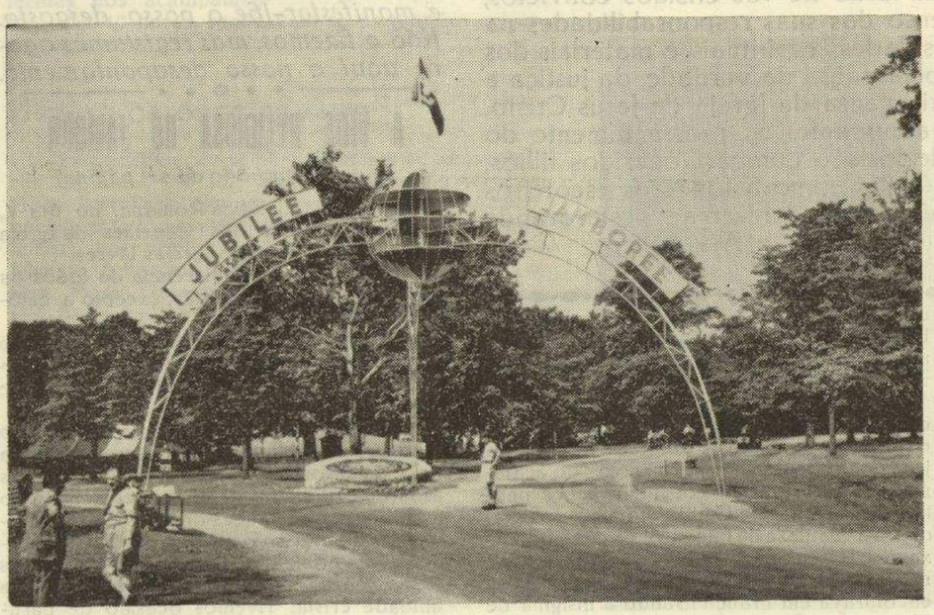
A entrada principal do grande recinto era em Town Gate, onde os escoteiros construíram um motivo ornamental de boa inspiração. Perto, admirava-se a insígnia do JIM artisticamente desenhada com plantas ornamentais e flores, trabalho de requintado bom gosto. Perto de Town Gate estavam instalados, além dos serviços de recepção, o campo do quartel-general do acampamento e o hospital.

Seguindo por uma longa estrada — a «B.-P's Way» — e atravessando alguns dos subcampos que compunham o acampamento do Jambori, chegava-se, após uma boa jornada ao «Shopping Centre», isto é, a parte do campo onde se encontravam montados os serviços dos correios, de informações, bombeiros, polícia, agências de viagens, bancos, restaurantes, quinquilharias, produtos farmacêuticos e perfumarias, recordações, livraria, artigos de uniforme, uma exposição da indústria britânica, uma exposição sobre a vida de B.-P., um pavilhão de rádio e televisão, o pavilhão da BBC, os serviços de imprensa, barracas de refrescos, um amplo teatro e, já um tanto afastado, a enorme arena para exibições, provida de excelentes bancadas para dezenas de milhares de espectadores.

Partindo do centro para oeste, num dos extremos do parque, para o que se seguia o «Brownsea Way», encontrava-se o campo do Indaba. O campo do Rover-Moot foi instalado a norte, num dos mais belos recantos do frondoso parque.

Para se ir dum campo para outro, era mister dispor de algumas horas, pois as distâncias a cobrir eram sempre da ordem de vários quilómetros, por caminhos por vezes bastante ruins e, de determinada altura em diante, fortemente prejudicados pelas contínuas chuvadas. A grande deficiência da organização residia, por conseguinte, nas grandes extensões que separavam os campos e a completa ausência do meio de transporte para as percorrer.

(Continua na página seguinte)



A entrada do Jambori. Vê-se ao centro a insígnia bordada a flores

DE SUTTON PARK



Perto do Centro, no cruzamento das principais ruas, existia este globo terrestre com movimento de rotação. A coroa que encima o globo tinha também movimento de rotação em sentido inverso.

A MONTAGEM DO ACAMPAMENTO

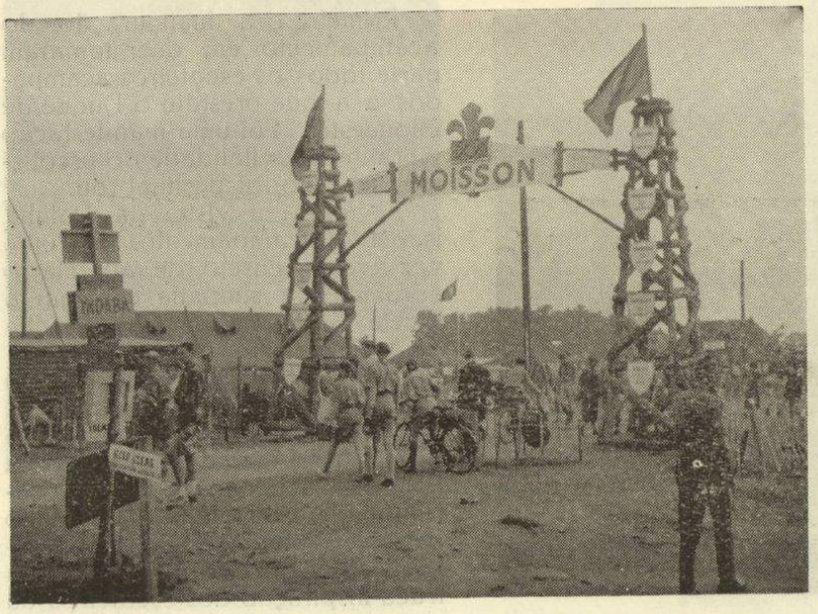
Os escoteiros britânicos procuraram montar o acampamento com certo esmero, cientes das suas responsabilidades. Devemos confessar que o conseguiram.

Cada subcampo possuía os meios necessários para funcionar sem atritos. Os abastecimentos eram abundantes e cada campo tinha barracas privativas de informações, de venda de artigos, de televisão, de acolhimento, correio, agência de bancos, barraca de excursões, tendas para os serviços religiosos, etc., etc. As instalações sanitárias eram bastantes e eficientes, e com ligeiras alterações ficariam mesmo perfeitas.

A organização do acampamento dotou-o com espectáculos de grande mérito, a que noutro lugar se dá devido relevo. No entanto, não queremos deixar de referir a História do Escotismo apresentada pelos escoteiros britânicos, o *show* dos lobitos ingleses, os concertos da banda escotista americana, com 180 figurantes, e uma incrível demonstração de perícia executada pelo grupo de motoristas do exército.



Entrada do Subcampo «Vogelenzang»



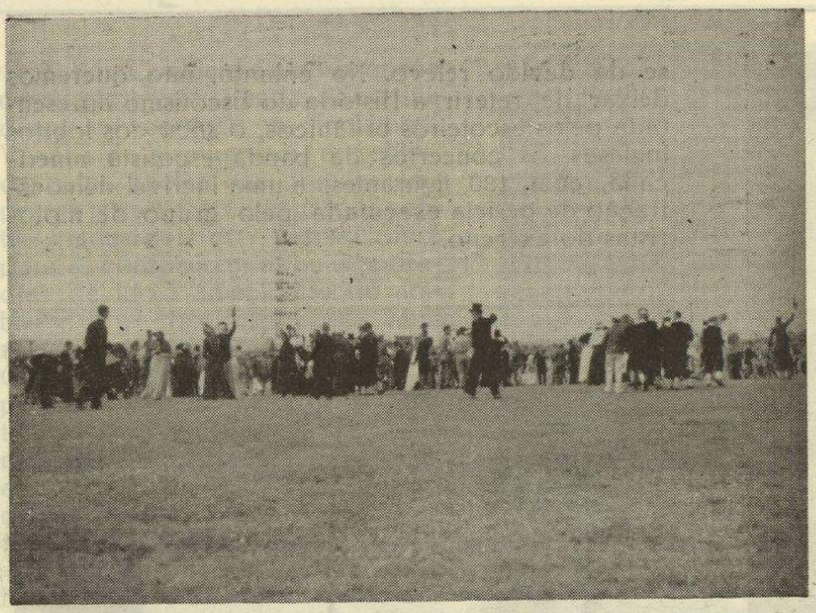
Entrada do Subcampo «Moisson»

A VIOLENTA TEMPESTADE

O acontecimento histórico, digamos assim, do acampamento, foi a enorme borrasca que sobre ele desabou na noite de 5 para 6 de Agosto. Uma trovoada violentíssima, como nunca havíamos visto outra, seguida de chuva forte e persistente e que inundou o campo, pôs o recinto intransitável. Muitos escoteiros foram obrigados a abandonar as tendas e alguns houve até que deixaram o acampamento, sendo recebidos pelos habitantes das povoações limítrofes. Embora provocando os incómodos naturais em situações desta natureza, os efeitos da tormenta não justificaram os títulos exagerados com que os jornais noticiaram o acontecimento, pois até o diário «The Birmingham Mail» classificou a evacuação do campo por parte de certos escoteiros como «operação catástrofe» !!

(Continua na página seguinte)

O QUE FOI O JAMBORI DE SUTTON PARK



Durante a exibição da História do Escotismo pelos britânicos. A «população» dá largas à sua alegria pela libertação de Mafequinque.

A ATITUDE DO POVO DE SUTTON COLDFIELD

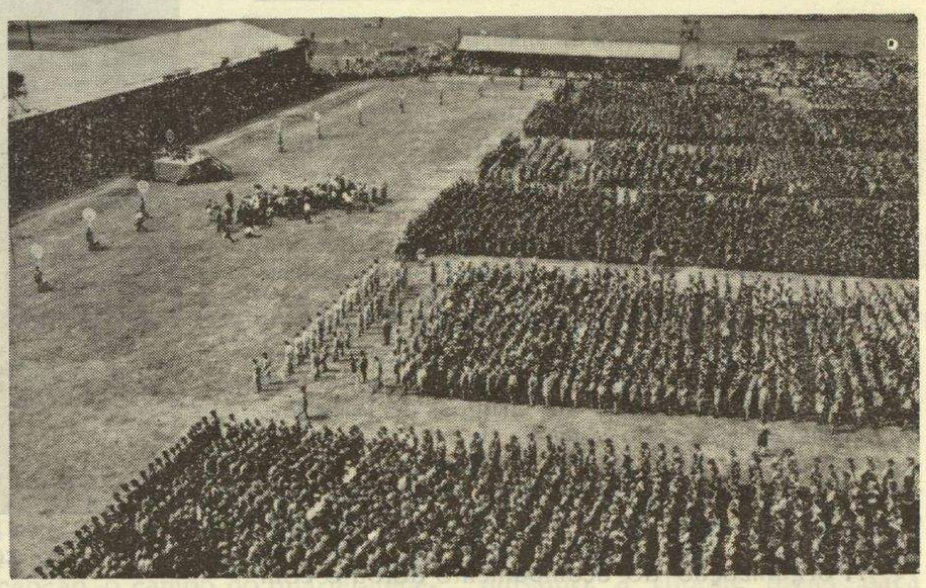
Este acontecimento permitiu-nos tomar conhecimento da nobre atitude do povo de Sutton Coldfield e de outras povoações das proximidades que a todos deixou assás reconhecidos.

Devemos dizer que, desde as primeiras horas, os habitantes de Sutton Coldfield acolheram os escoteiros com uma simpatia especial. Era vulgar verem-se automobilistas a oferecer os seus carros para transportar os rapazes, chegando muitas vezes a alterar o próprio itinerário. No entanto, o povo de Sutton Coldfield não só ofereceu assistência aos escoteiros que, na noite da tormenta, procuravam abrigo, como logo aos primeiros alvores da manhã se dirigiu ao recinto do campo a informar-se se teria havido algum acidente mais grave. Houve quem não dormisse toda a noite preocupado com a sorte de milhares de rapazes que estavam em Sutton Park! E todos davam provas do aborrecimento que lhes causava a interrupção do bom tempo. Foi esta uma atitude de franca simpatia que os escoteiros não podem esquecer.

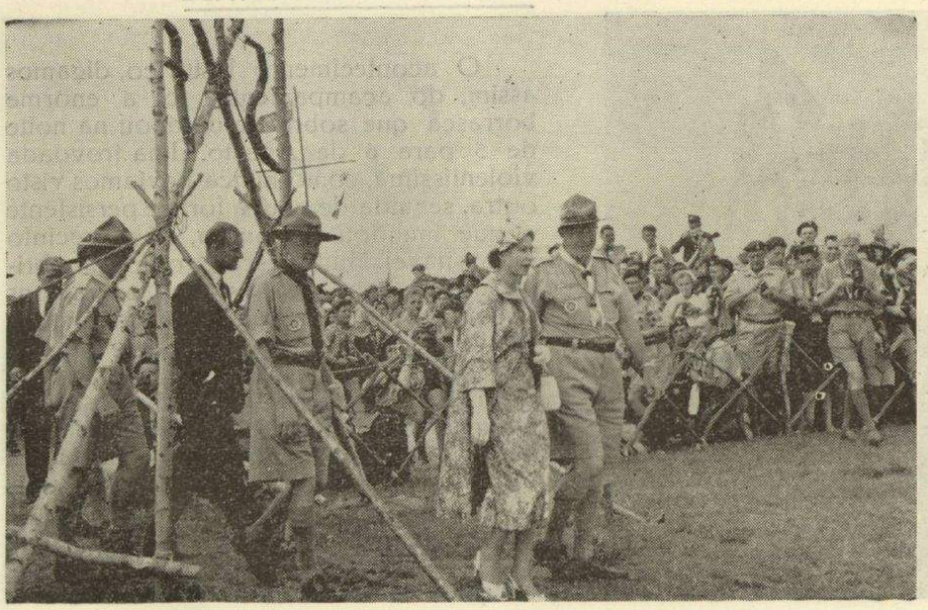
Fomos recebidos em algumas casas de Sutton Coldfield e estamos em condições de apreciar devidamente o grau elevado de cavalheirismo de que o povo inglês deu bastas provas.

ACONTECIMENTOS DE RELEVO

Três outros acontecimentos, de natureza diferente, mas de importância excepcional merecem uma referência ainda que breve.



Um aspecto da inauguração do acampamento



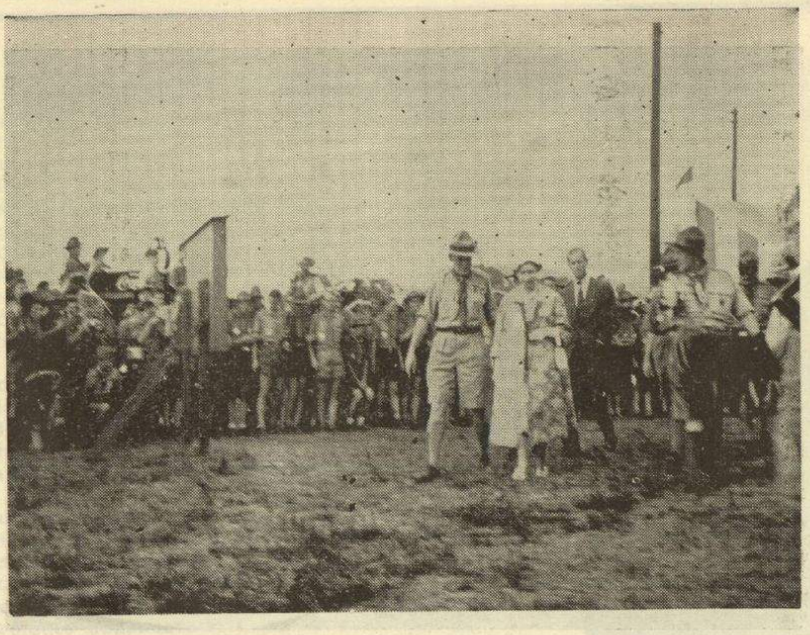
A Rainha Isabel acompanhada do Príncipe Filipe visita um dos campos

Primeiro: a inauguração do acampamento em que tomaram parte todos os escoteiros acampados e a que presidiu o Duque de Gloucester. Foi uma manifestação vibrante da vitalidade do escotismo, que a todos deslumbrou.

Segundo: a visita da Rainha Isabel ao acampamento. Mais uma vez tivemos ensejo de apreciar o aprumo e a simpatia com que a jovem Soberana se desempenha do difícil posto que está sobraçando. Os escoteiros desfilaram perante a Rainha e renderam-lhe as homenagens devidas, enquanto uma enorme multidão lhe tributava calorosas aclamações. Foi uma cerimónia impressionante pelo cunho de sinceridade da grandiosa manifestação. A propósito, anote-se a fraca inspiração dos escoteiros da

(Continua na página seguinte)

O QUE FOI O JAMBORI DE SUTTON PARK



A visita régia ao campo do «Rover-Moot»

delegação portuguesa se terem apresentado no desfile, envergando o barrete dos campinos do Ribatejo . . .

O terceiro acontecimento foi a cerimónia do encerramento do JIM, em que esteve presente e a que presidiu Lady Baden-Powell. A ilustre senhora dirigiu uma mensagem de despedida aos escoteiros, tendo sido vitoriosamente aclamada. No fim, foi queimado fogo de artifício. Não se esquecerão fàcilmente as imagens dos momentos finais desta cerimónia, em que os escoteiros entoaram a uma voz a canção do Jambori, marchando na arena, numa animada e vibrante manifestação de amizade e de bom-entendimento entre os jovens das mais diversas nações e raças.

EXCURSÕES

Durante o funcionamento desta grande actividade, foram organizadas excursões. Assim, tivemos oportunidade de visitar Birmingham, Liechfield, Stratford-upon-Avon, a terra de Shakespeare, e Chester, cidades que nos deixaram boas impressões.

APONTAMENTO FINAL

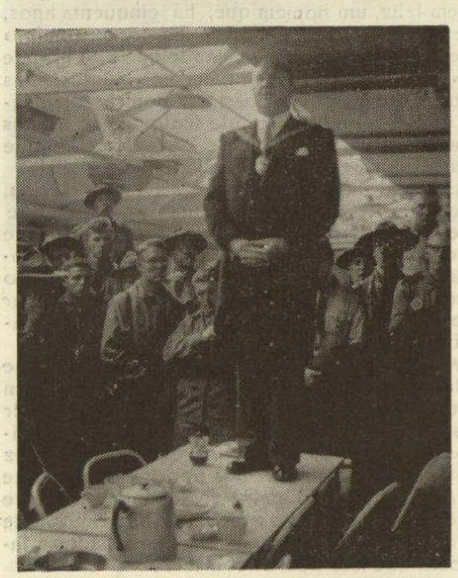
A terminar este apontamento do que foi esta grande reunião, não queremos deixar de fazer referência às dificuldades com que os representantes dos jornais escotistas tiveram de lutar para levar a bom-fim o seu trabalho. Apesar de se dedicarem a este mister em regime de amadorismo, não merece a missão dos que trabalham nos jornais dos escoteiros menor apreço, antes pelo contrário. Os deficientes lugares que lhes foram designados para assistirem a determinados acontecimentos não estão de harmonia com o que é norma fazer, em que aos trabalhadores da imprensa são facultados boas instalações a fim de levarem a cabo as suas comissões de serviço com aquela eficiência que eles desejam e todos exigem.

CAMPANHA PARA NOVAS ASSINATURAS

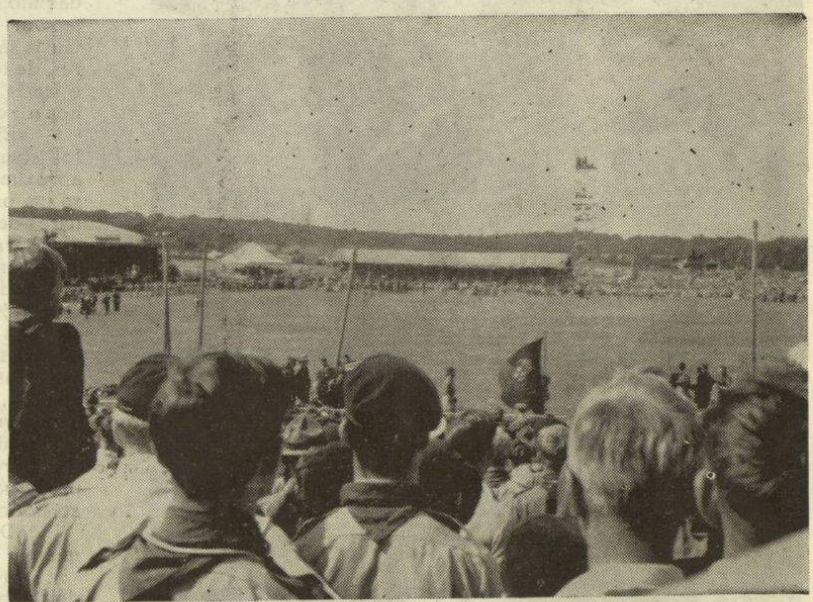
A Campanha do Centenário de Baden-Powell prossegue e embora não seja com aquele êxito que desejamos e esperamos ainda, vai no entanto avançando e muitos dos nossos leitores continuam a dar expressivas provas da sua simpatia para com o trabalho do "Sempre Pronto".

Hoje temos o prazer de registar mais 15 assinaturas que foram apresentadas pelos nossos amigos srs. António Pestana, do Funchal, 4; Júlio Maria Reis, Carlos Mamede, H. Gomes Freitas, do Aeroporto de Santa Maria; António Silva Cunha, de Sintra, José Eduardo P. Ribeiro, Armando Garcia Inácio, Júlio Duarte e Armando Rosa, 1 assinatura cada; Patrulha Bisão do grupo 10 com 2 assinaturas.

Tínhamos registado 113 assinaturas, com mais 15 somam 128! Quem nos ajuda mais?



Uma das principais excursões, em que tomaram parte os Portugueses, foi à cidade de Liverpul, onde almoçaram e tiveram a visita do Mayor. No final, este falou aos escoteiros, mas como era difícil fazer-se ouvir por todos, subiu a uma das mesas e aí mesmo discursou.

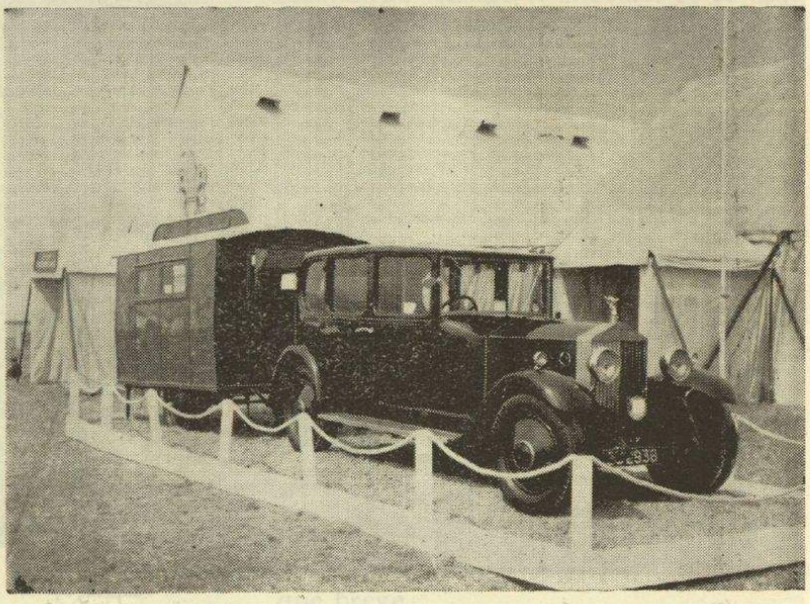


A delegação de Portugal de escoteiros (menos de 17 anos) constituída por elementos do C. N. E. desfilou perante a Rainha Isabel. Na gravura ainda se vêem os barretes de campinos.

Encerramento do Jambori do Jubileu

Uma noite calma em Sutton Park

No dia de encerramento do Jambori, houve uma trégua no tempo chuvoso que fustigava Sutton-Park. Aquela noite estava mesmo agradável e, por isso, não só se reuniram na arena os muitos milhares de escoteiros acampados, mas milhares de visitantes acorreram também a assistir ao inolvidável acto. A Chefe Mundial das Guias, acompanhada de Lorde Rowallan, escoteiro-chefe da Comunidade Britânica, e outros altos dirigentes, subiu a uma tribuna levantada em frente das bancadas. As representações dos diferentes países enchiam a vasta arena, deixando uma álea ao centro. No fundo viam-se as bandeiras das nações representadas.



O automóvel e a respectiva «roulotte» oferecido a B.-P. em 1929

DECEPÇÃO — A Bandeira de Portugal não desfila...

Há algum tempo que os altifalantes de campo espalhavam música, para amenizar o ambiente triste da despedida. Porque, apesar do cansaço provocado pela chuva, agora, no momento do encerramento, até aqueles que tinham desejado partir, sentiam pena de ter chegado o fim. A música parou e a Chefe Mundial foi ovacionada com entusiasmo. A custo se fez silêncio. Pela álea aberta ao centro começaram a surgir os representantes das nações. Um escoteiro britânico empunhava a bandeira de cada país e um escoteiro dessa nação acompanhava-o. A bandeira colocava-se ao lado da tribuna e o escoteiro subia para receber uma placa comemorativa do Jambori do Jubileu, enquanto lhe eram tributadas as ovações da assistência.

A vez de Portugal aproximava-se. Chegou o Paquistão, logo o Peru, Philippines (Filipinas) e agora seria Portugal... Mas, que decepção! A bandeira da nossa Pátria não apareceu. Sentimos vontade de galgar a bancada onde nos encontrávamos e correr a gritar que Portugal estava presente, mas o importante era a nossa bandeira e a que a nossa equipa de reportagem possuia estava na tenda a dois quilómetros de distância.

Depressa chegou o fim do desfile. Lady Baden-Powell levantou-se e falou aos escoteiros. Discursava em inglês e após cada período repetia o mesmo em francês. E disse:

«O fim é sòmente o princípio»

«Neste encantador condado de Warwickshire, no verde coração de Inglaterra, reunimo-nos esta noite pela última vez em Sutton Park—um nome que será falado e escrito em muitas línguas e em muitos lugares durante muitos anos.



A Família de Baden-Powell reunida no Jambori

«Dentro de algumas horas estaremos de marcha pelos nossos diversos caminhos, e, como se uma onda de tristeza tivesse varrido o nosso acampamento, chegou o momento de vos dizer adeus.

«Por quanto tempo ainda e quantas amiudadas vezes — nos mais distantes cantos da Terra — falaremos e pensaremos neste Jambori do Jubileu onde tendes vivido em conjunto, feito jogos, acampado, cantado tudo em conjunto (e cozinhado, e comido, e lavado, e feito trocas, e resistido às chuvas) e onde também trabalhastes e orastes em conjunto, e juntos viestes, durante estes inesquecíveis dias de 1957! Estou certa que vos recordareis deste tempo até ao fim dos vossos dias.

«Olhando para trás ao longo de algumas centenas de anos, podemos recordar que no tempo em que este Parque foi fundado uma infeliz rainha esteve em face da morte. Tendo fé na graça de Deus, e certa de que lhe daria uma nova vida no Grande Além, ela disse: «*O meu fim é sòmente o meu princípio...*».

«Penso que não vos poderia dar melhor mensagem para levardes deste alegre Jambori do que aquelas mesmas palavras.

«*O fim é sòmente o princípio...*

«Aqui, neste acampamento, estamos meditando hoje mais particularmente num homem feliz, um homem que, há cinquenta anos, terminou uma brilhante carreira militar; e esse fim foi o princípio daquilo que estamos vendo hoje em nossa volta, de que este grande Jambori-Indaba «Moot» e os nossos Acampamentos Mundiais das Guias são prova,—milhões de rapazes e raparigas, homens e mulheres, de todas as cores, credos e países, vivendo juntos como irmãos e irmãs sob uma Promessa e uma Lei — aquela Promessa e Lei que nos foi dada há cinquenta anos pelo nosso Fundador.

«Ele deixou este mundo há 16 anos, e, esse fim, sem dúvida, foi sòmente um princípio. Assim, para vós também, nesta noite aproxima-se o fim deste maravilhoso Jambori, mas o fim é realmente só um princípio. Durante estas duas semanas, vós — Chefes e Escoteiros de tantas e tão diferentes terras e linguagens — tendes vivido em harmonia, esquecendo todas as diferenças que podem *separar* e pensando sòmente nos laços que podem *unir* todos na grande fraternidade mundial do Escotismo.

«Estamos a celebrar o nosso Jubileu, mas é minha crença que estamos no princípio de uma nova era do nosso Movimento. Assim como estas verdes árvores em volta de nós depressa deixarão cair as folhas para que cresçam outras frescas e novas na próxima Primavera, também muitos dos mais velhos de nós, que viemos talvez para o nosso último Jambori Mundial, daremos oportunidade a que uma mais nova, mais hábil e sobretudo maior geração de Chefes e Escoteiros, geração que será mais hábil e maior PORQUE vós, que participais no Jambori de hoje, estais firmemente determinados a fazer todos os esforços para que isso possa acontecer.

«Durante todos estes dias, uns com os outros, nós *recebemos* muito e podemos agora *dar*».

Lady Baden-Powell disse depois que cada um de nós levaria do Jambori alguma coisa mais de felicidade, de saúde, de amizade e que iria espalhar essa felicidade por toda a parte onde tivesse de ir. Que todos teríamos feito no acampamento pelo menos uma amizade e que esse espírito de companheirismo por nosso intermédio se espalharia no mundo. E continuou: *(Conclui na 11.ª página)*

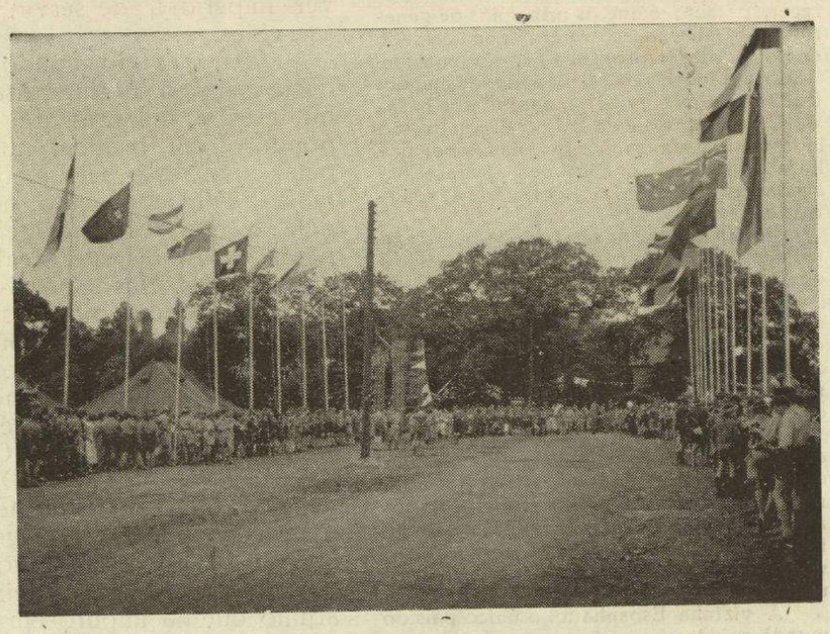
FOGO DE CONSELHO NO "MOOT"

Na sexta-feira, dia 2 de Agosto, o programa marcava fogo de conselho no «Moot». Era ali que se encontrava a delegação dos Escoteiros de Portugal e, portanto, queríamos estar presentes, na esperança de assistir a qualquer exibição dos nossos rapazes. A decisão não era fácil de tomar. Fazer tão grande caminhada era prova de grande interesse. Por estrada, teríamos de andar cerca de cinco quilómetros em cada sentido. Atravessando o acampamento, seriam quase quatro quilómetros. Optámos por este caminho. Chegámos ao local da reunião ao anoitecer.

O sítio do fogo do conselho foi muito bem escolhido. Era a encosta de uma colina, que proporcionava quase um anfiteatro. A noite estava amena, visto que ainda não tínhamos entrado no período de chuva. Ia começar o fogo de conselho e logo os altifalantes anunciaram Portugal e o Iraque.

Ficámos ansiosos pela apresentação dos Portugueses. O chefe do Fogo do Conselho, com uma habilidade notável, ia ocupando o tempo ensinando e regendo canções que a enorme assistência — escoteiros e visitantes — cantava em coro. Mas nem Portugal nem o Iraque se apresentavam. Através dos microfones continuava-se a insistir pelos dois países, mas, com surpresa nossa, estes não apareciam.

Seguiu o programa. Muitos outros foram chamados e todos trouxeram alguma coisa das suas terras. Canções, danças, pantominas, música. O Fogo de Conselho aproximava-se do fim. Novamente o nome de Portugal é anunciado. Espectativa! Agora surgem Caminheiros. Mas, são apenas quatro... Reconhecemo-los! São o José Eduardo, o Armando Inácio, o Fernando Sanches e o Calvelas. Ficámos preocupados sentindo a responsabilidade. Que iriam apresentar perante auditório de tantos milhares de pessoas?

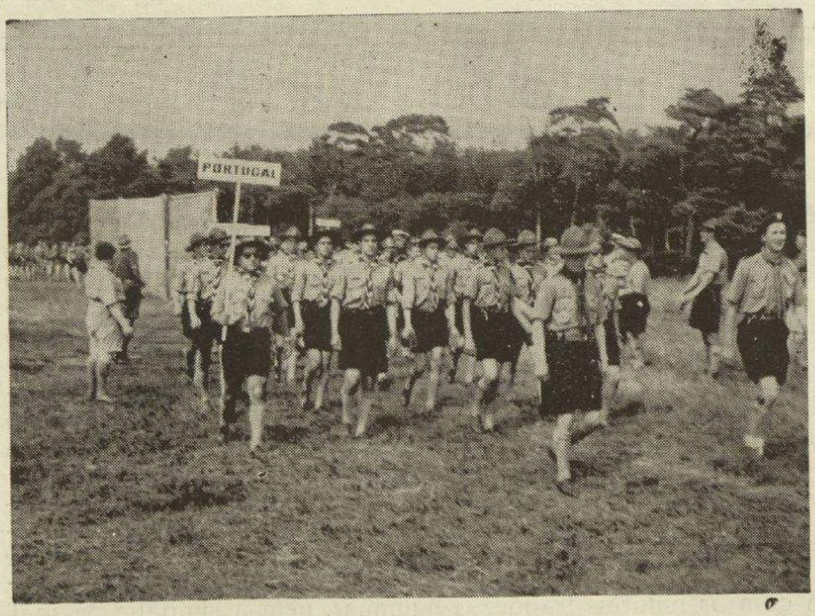


A entrada do «Rover-Moot» vendo-se a Bandeira de Portugal

Começaram. Uma rapsódia de canções regionais portuguesas. Fez-se silêncio. Os rapazes estão afinados! Cantam: *Alecrim doirado, o Vira da Madeira* (que o público acompanhou com palmas), *Tia Anica, Apanhar o Trevo, As Pombinhas, Lá vai o combóio* e muitas outras, numa sequência interessante e bem ritmada. Os quatro caminheiros portugueses honraram a sua terra. Interpretaram bem as canções da nossa gente e receberam um quente aplauso da multidão. Ao nosso lado, uns camaradas belgas felicitaram-nos e mostraram o seu agrado. Resolvemos saltar através da colina e ir dar um abraço aos nossos representantes. Foi difícil encontrá-los, apesar de sabermos por onde eles tinham saído. Encontrámo-los por fim. Estavam amarelos, desorientados, nervosos. — Que têm? — inquirimos. — É que não esperávamos ir cantar. Tínhamos acabado de chegar junto do local onde estava Lady Baden-Powell, um dos dirigentes do Fogo viu-nos, agarrou-nos, e disse — cá está Portugal — fomos postos em frente do microfone...

— Ainda bem — atalhámos — vocês marcaram a presença de Portugal e desempenharam-se bem da vossa tarefa. Merecem um abraço e outro daríamos ao Chefe Tacão, se aqui estivesse, visto que foi ele quem dedicadamente vos ensaiou. Parabéns!

Iluminou-se o rosto dos quatro rapazes que deram largas à sua satisfação. Entretanto o Fogo do Conselho tinha terminado. Encaminhámo-nos para a porta do Campo do «Rover-Moot», ainda bastante distanciada, de onde teríamos de galgar cinco quilómetros até ao Indaba. Porém, os nossos *cantores* tiveram outro *formidável* gesto. Apresentaram-nos um chefe inglês que, gentilmente, nos levou no seu carro até à porta do Indaba.



O Contingente dos «Escoteiros de Portugal» dirigido pelo Subchefe da nossa representação, Escoteiro-chefe Moniz Silva, dirige-se para a arena para tomar parte no acto inaugural.

Encerramento do Jambori do Jubileu

(Conclusão da 10.ª página)

«Portanto, o fim deste Jambori será o princípio de um novo esforço por toda a parte, levando para o mundo exterior um pouco do espírito de alegria e amizade deste Jambori.

»O vosso Fundador foi um dos homens mais felizes porque conheceu a grande verdade de que a felicidade se obtém não porque a recebamos, mas porque a *damos* e *distribuímos*.

«Não tinha necessidade de vos dizer isto, porque estais prontos como Escoteiros a viver vidas — longas espero eu — dadivosas, oferecendo do melhor que em vós há, de sacrifício próprio, no temor de Deus e no serviço do próximo.

«Depois, quando chegar a hora da vossa partida deste mundo, também podereis dizer:

«O FIM FOI SÒMENTE O PRINCÍPIO»

E assim terminou o Jambori!

Quando Lady Baden-Powell terminou a sua sentida mensagem, ovações entusiásticas ouviram-se de todos os cantos. Muitos milhares de vozes aclamaram a Chefe Mundial das Guias, os chapéus dos escoteiros voaram a alturas que só a habilidade da juventude poderia alcançar, os escoteiros rodearam a tribuna, enquanto os mais novos subiam aos ombros dos mais velhos, num entusiasmo indescritível. De repente, porém, os alti-falantes começaram a entoar o Hino do Jambori e toda a multidão — escoteiros e visitantes — cantou em uníssono. Foi uma verdadeira apoteose. Um fogo de artifício marcou o fim do Jambori e, mesmo naquela hora, muitos escoteiros começaram a abandonar o campo. No outro dia, às primeiras horas da manhã, Sutton-Park tinha já outro aspecto. Sentia-se uma triste desolação. Era uma cidade da qual já todos pareciam fugir.

APESAR DE TUDO...

Estiveram no Jambori

Por muito extraordinário que possa parecer, o facto é que os princípios de generosidade, abnegação, fraternidade, lealdade que o Escotismo proclama não são considerados agradáveis em certos países do mundo. É triste reconhecer-se que as salutares bases do Compromisso e da Lei do Escoteiro são indesejáveis em nações orientadas por políticas onde tais noções nem sempre são aceitáveis. Por isso o Escotismo é aí repudiado.

Porém, apesar de tudo, ainda que o não tenham podido fazer oficialmente, o certo é que tais nações estiveram representadas no Jambori. Assim, pudemos ali encontrar-nos com escoteiros refugiados da Hungria, que em número razoável afirmaram a sua fé escoteira e garantiram que o Escotismo tem na sua pátria muitos jovens que continuam a orientar as suas vidas pela nossa lei.

Até mesmo na Rússia continua a existir escotismo, embora incógnito. No Jambori estiveram alguns escoteiros russos refugiados na França e na Alemanha. De igual forma ali estiveram escoteiros da Ucrânia, da Lituânia, da Estónia, da Letónia e da Polónia, vindos de diversos países onde se encontram refugiados.

A vizinha Espanha foi o único país do mundo ocidental que não esteve oficialmente no grande acampamento mundial. No entanto, foi para nós muito agradável encontrar ali irmãos escoteiros vindos de Espanha, que continuam a viver os ideais do nosso Movimento, procurando estar ao facto da técnica e dos progressos feitos, conseguindo conciliar a fidelidade ao Escotismo com o respeito devido às autoridades e à lei do país.

Esperemos que a situação confusa do mundo actual se possa normalizar para que, tal como aconteceu na Itália e na Alemanha, a mocidade destes países possa alegremente voltar a envergar o uniforme escoteiro e a viver em toda a sua plenitude os ideais de fraternidade.

• • o • •

«SEMPRE PRONTO»

O presente número do nosso jornal, respeitante aos meses de Setembro e Outubro, tem doze páginas em vez das dezasseis que normalmente publica num número duplo.

Tivemos de fazer um número duplo, única forma de podermos inserir a reportagem do Jambori do Jubileu. Fomos forçados reduzir as quatro páginas na intenção de fazer uma economia que cubra uma parte, mas só uma parte, das despesas das gravuras do Jambori. Julgamos, porém, que os nossos leitores apreciarão o facto de lhe oferecemos a reportagem bem ilustrada do Jambori e concordarão com a supressão feita.

Não foi possível publicar neste número todas as gravuras do Jambori, pelo que o próximo número do «Sempre Pronto» publicará a restante reportagem.

• • o • •

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De Luto — Pelo falecimento de seu pai, sr. Quintino Adrião Sequeira, ocorrido na Amadora em 9 de Julho passado, encontra-se de luto o nosso estimado assinante e antigo escoteiro sr. José da Costa Sequeira, a quem apresentamos condolências sentidas.

Sermão do Arcebispo de York no Jambori

(*Conclusão da 3.ª página*)

ver imperioso de servir; a revelação de Deus; a purificação das nossas vidas.

Através do mundo, os escoteiros e as guias são as testemunhas deste serviço desinteressado. Este grande Jambori é o testemunho de milhares e milhares de escoteiros entregues ao serviço deste ideal, pondo-o em prática, num mundo afligido pelo egoísmo dos homens, pelas divisões e pelo medo, a um grau que Roberto Baden-Powell jamais havia conhecido no seu tempo. Mas o ideal que tomou posse dele e que foi a origem do escotismo é tão valioso hoje como no passado. Amai este ideal, ponde-o bem alto, uni-vos a ele, confiantes e tranquilos! Mas lembrai-vos de que o Evangelho nos toca profundamente para que colhamos este ideal. Os deveres para com o próximo, para com o meu Rei ou o meu País, ou, ainda, para com Deus. Mas que se deve entender por deveres para com Deus. Que é senão obedecer aos seus mandamentos de amor, de bondade, de serviço a todos os homens? que é senão viver em comunhão com Ele, com o próprio Deus, aceitando-O por meu Rei, meu Amigo e meu Salvador. Meu Rei significa que O adorarei e O louvarei por esta única razão de que Ele é maior e melhor que todos e porque o louvor e a glória d'Ele vêm. Meu Amigo significa que eu lhe oro, lhe falo, me esforço por melhor O conhecer, porque Ele me conhece e me protege. Meu Salvador significa que eu deixarei que Ele me purifique e me lave de tudo aquilo que há impuro em mim, da mesma forma que Ele lavou os pés dos Seus discípulos. A resposta só cada um de nós a pode dar por si próprio. E como hoje agradecemos a Deus ter-nos dado Roberto Baden Powell, a grande história do escotismo no mundo e o privilégio de sermos membros deste glorioso movimento, nós lhe pediremos igualmente que nos dê a cada um de nós uma religião sem mancha, servindo-O a Ele e ao nosso próximo. Quando Jesus acabou de lavar os pés dos seus discípulos e retomou o seu lugar na mesa da ceia, disse-lhes: «Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes».

A LIÇÃO DO JAMBORI

(*Conclusão da 1.ª página*)

balhos de campo, muitas vezes duros. É certo que, nesta conjectura, todos deram provas da sua capacidade e espírito escoteiro, assegurando a estabilidade do acampamento. Mas, sobretudo, o segredo do êxito do Jambori, a grande lição que devemos ter ali colhido, foi o elevado sentido do dever de que deram provas os escoteiros britânicos. Nem o temporal, nem a fadiga, nem as contrariedades, nem as inúmeras atracções do campo, nem qualquer outra coisa impediu o eficiente desempenho da missão de que cada um tinha sido investido. Trabalhar no Jambori era por todos considerado tão alto privilégio que ainda pagavam as despesas de campo.

Verificava-se ainda que o único critério que tinha presidido à escolha dos elementos que dirigiam ou serviam no campo tinha sido a capacidade para o desempenho da tarefa. A fórmula «*The right man in the right place*» teve aqui plena aplicação. Nem o favor, nem a condescendência com as naturais fraquezas humanas, nem a simpatia pessoal, nem quaisquer outras considerações de natureza política ou religiosa tinham influído na escolha. Por isso, podíamos verificar que à frente dos fogos de conselho encontrávamos chefes aptos a dirigir o canto e as representações; no serviço de excursões os elementos aptos para seleccionar e traçar as viagens, enquanto nos telefones estavam aqueles que aí poderiam prestar bons serviços, todos diligenciando bem servir. Foi este o espírito que garantiu o êxito do Jambori e é esta a lição que podemos aproveitar se quisermos realizar a obra de progresso e desenvolvimento que o Escotismo Nacional carece.

Sem dúvida, o espírito revelado pelos escoteiros ingleses constitui uma das grandes qualidades do povo britânico. A disciplina, o alto sentido do dever, são virtudes que os britânicos cultivam e se revelam em toda a vida da grande nação. Reside nesse alto espírito o segredo de todas as vitórias da Inglaterra e só com tais qualidades o país poderia ter vencido e estar vencendo as graves crises do após-guerra.

Bem faremos se cultivarmos estas mesmas virtudes e as inspirarmos aos escoteiros portugueses, pois elas serão factores de prosperidade tanto na vida associativa como na vida nacional.